

OS AGENCIAMENTOS DA TRANSMASCULINIDADE: A AMIZADE TENSIONANDO A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Noah Ratis Cavalcanti da Cunha¹

Prof^a. Dr^a. Janayna Silva Cavalcante de Lima²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a amizade como processo formativo de subjetividade masculina em corpos que habitam a transmasculinidade. Assim como discutir a formação de subjetividade, investigar os agenciamentos que tensionam a formação da masculinidade em corpos transmasculinos e por fim compreender a amizade como processo formativo da subjetividade transmasculina. Dessa maneira, foi realizada uma discussão teórica sobre a temática e, por fim, uma entrevista em grupo com homens trans, compreendendo os aspectos bibliográficos e discursos relacionados à amizade. Portanto, a amizade transmasculina surge como um fluxo rizomático de saber/poder, extrapolando o âmbito privado dos sujeitos e estabelecendo uma política de existência e resistência ao discurso masculino cisnormativo.

Palavras-chaves: Transmasculinidade. Amizade. Subjetividade. Gênero.

1 – Introdução

Antes de chegar ao status de pesquisa, muitas dúvidas e aflições estavam envoltos ao tema, não só por se tratar, também, de experiências pessoais, mas por buscar compreender como ocorre a formação da subjetividade masculina em corpos que habitam a transmasculinidade. À vista disso busco compreender quais são esses agenciamentos que tensionam a construção de subjetividade transmasculina. Como essa subjetividade é construída a partir da amizade entre esses corpos?

Dessa maneira, essa pesquisa se preocupa em avançar no debate, levantar questionamentos e por fim obter materiais que colaborem com a discussão dessa subjetividade, assim como seus desdobramentos, tencionando textos teóricos com relatos pessoais. Desse modo, a intencionalidade dessa pesquisa não está centrada

¹ Homem trans e graduando do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Email: noah.cunha@ufpe.br

² Professora Doutora adjunta do Centro de Educação, compõe o Departamento de Ensino e Currículo – DEC. Email: janayna.cavalcante@ufpe.br

em demarcar uma única verdade sobre a formação da subjetividade transmasculina, e sim investigar a amizade transmasculina como potência para a concepção dessa subjetividade.

Investigo neste estudo um processo formativo outro, algo que escapa ao poder de dominação exercido nos corpos pela instituição escolar. Essa tentativa de captura de corpos é perceptível no trabalho da pesquisadora estadunidense Barrie Thorne, na qual traz em seu livro, *Gender Play* (1993), como o gênero e seus papéis são encarados pelas crianças na vida escolar. Durante onze meses, em duas escolas do Ensino Fundamental, foram observados como os papéis de gênero binários (mulher/homem) eram transmitidos por pessoas mais velhas em alguma situação de poder para as crianças. Essas, por sua vez, eram obrigadas a adquirirem uma percepção binária, e assim, cisgênera do gênero. Thorne também destaca as relações de poder existentes entre as crianças e, principalmente, entre os meninos em que uns teriam mais status social do que outros.

Lendo essa pesquisa foi inevitável não realizar conexões com a minha vivência escolar, na qual era lido como um corpo que habitava a feminilidade. Embora, quando criança, nunca tenha sido questionado de que forma me enxergava dentro dessa binaridade generificada. Aos oito anos, a minha subjetividade transmasculina colocava no limite, o cenário escolar generificado, em momentos de expressão de masculinidade, por exemplo, na qual não era esperada ao meu corpo.

Tendo em vista essa questão, me lancei a um debate teórico junto a filósofos como Foucault, Preciado, Deleuze, Guattari, Rolnik e Derrida, em que argumento sobre discurso, técnicas de si, rizoma, agenciamento, subjetividade e uma política da amizade. Ademais, conversei também com pensadoras feministas e transfeministas como Connell, Scott, Lauretis, Butler, entre outras, buscando compreender gênero como uma prática discursiva, e, portanto, social, histórica, formativa e política.

Contudo, este trabalho foi influenciado diretamente por relatos pessoais transmasculinos em que é tangível observar a formação de subjetividade acontecendo. Isto é, através dos agenciamentos que transitam esses corpos, sejam eles dos mais diversos possíveis.

A pesquisa pretende, em primeiro momento, realizar um debate bibliográfico sobre o tema, utilizando a arqueologia foucaultiana como método teórico. Logo após, ouvir relatos pessoais de sujeitos transmasculinos sobre os agenciamentos que construíram a sua subjetividade. Por fim, investigar a amizade entre corpos transmasculinos como ponto nodal de tensão na formação dessa subjetividade. Dessa forma, tomando os conceitos de transmasculinidade, subjetividade e amizade como centrais para compreender esse processo formativo.

2 – Objetivos

Essa pesquisa assume, como objetivo geral, compreender a amizade como processo formativo de subjetividade masculina em corpos que habitam a transmasculinidade.

2.1 – Objetivos específicos

Portanto, este estudo pretende

1. Discutir gênero e transmasculinidade como categorias de análise;
2. Discutir a formação de subjetividade em sujeitos transmasculinos;
3. Investigar os agenciamentos que tensionam a formação da masculinidade em corpos transmasculinos
4. Compreender a amizade como processo formativo da subjetividade transmasculina;

3 – Marco teórico

3.1 – Transsexualidade

Antes de levantar o debate acerca do tema proposto ao trabalho, é de suma importância o entendimento de “gênero” e as suas discursividades. Dessa forma, escolhi utilizar o método foucaultiano da arqueogenealogia para essa reflexão, assim como o cruzamento de relatos pessoais aos textos de teóricos.

A terminologia “gênero” vem do latim *genus*, que significa “tipo” ou “classe”. No dicionário Michaelis (2023), o “gênero” é descrito como “conceito de ordem geral que abrange todas as características ou propriedades comuns que especificam determinado grupo ou classe de seres ou de objetos.” Embora esse seja o significado da sua nomenclatura, a prática discursiva do mesmo está atravessada por outras disputas.

A priori a concepção do termo “gênero”, assim como o seu debate, advém do movimento feminista que, dentre outras questões, busca explicar as origens do patriarcado. Essas discussões fermentavam o ocidente nas décadas de 1950 a 1970, germinando o pensamento de “diferenças sexuais” binárias entre masculino/feminino; macho/fêmea; homem/mulher.

Para Scott (1995), o patriarcado concentra sua atenção na subordinação dos corpos e na busca infatigável por técnicas de alienação dos meios de reprodução da espécie humana. Logo, o patriarcado produz diferentes formas de subalternização a depender do seu alvo. Essas, por sua vez, atingem não apenas os corpos, como também as subjetividades dos sujeitos. Desse modo, o pensamento feminista desenvolve o gênero como categoria de análise, circunscrevendo inicialmente um campo de debates que buscava explicar as origens do patriarcado.

Colocando o gênero como categoria de análise, conseguimos caracterizá-lo como uma norma discursiva pelo qual se cria as conceituações e também coloca-o como uma categoria de existência. Entretanto, esse corpo político-generificado não é só entendido por um único agenciamento e sim por uma *somateca* de agenciamentos (Preciado, 2022), sejam eles de raça, sexo, classe social e entre outros.

Todavia, essa *somateca* moderna demanda uma classificação discursiva entre os corpos, segmentando entre aqueles passíveis de humanidade e os não pertencentes a humanidade. Nesse ínterim, a medicina do século XIX qualificou esses corpos numa epistemologia binária (humano/animal, normal/patológico, são/doente...)

A transsexualidade emerge tensionando esse corpo-generificado e sua prática discursiva, exigindo outros desdobramentos políticos e sociais. Entretanto, acredito que para esse trabalho há uma impossibilidade da caracterização unívoca desse conceito seguindo o discurso médico-psiquiátrico, no qual se afirma que sujeitos transsexuais

são aqueles que não conseguem se alinhar com o órgão genital e a imposição discursiva que o mesmo carrega. Dessa maneira, me alinho à socióloga Berenice Bento, que conceitua a transexualidade como sendo

identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero. Essa definição confronta-se a aceita pela medicina e pelas ciências *psi* que a qualificam como uma 'doença mental' e a relaciona ao campo da sexualidade e não ao gênero. Definir a pessoa transexual como doente é aprisioná-lo, fixá-lo em uma posição existencial que encontra no próprio indivíduo a fonte explicativa para seus conflitos, perspectiva divergente daqueles que a interpretam como uma experiência identitária. (2006, p.15)

Por conseguinte, compreendo a transsexualidade sendo corpos de almas migrantes (Preciado, 2022), com diferentes *somatecas* que refutam a ficção discursiva do sexo/gênero que lhe foram designados ao nascer, assim como reforçado em parte da sua vida social, e que em algum momento decidem modificar cirurgicamente/quimicamente ou não esse gênero.

Essa mesma discussão utilizo para categorizar o que chamo de transmasculinidade neste trabalho. Compreendo a transmasculinidade como sujeitos que conflituam a norma cishegemônica de masculinidade. Contudo, esses sujeitos transmasculinos são diversos entre si, com diferentes agenciamentos, sejam sociais, de raça/cor, de orientação sexual e entre outros, sendo impossível classificá-los em uma única unidade.

3.2 – Subjetividade

Não tem como escrever essa pesquisa sem lembrar da construção política e histórica de João W. Nery, que foi um ativista pelos direitos LGBTQIAPN+, psicólogo, escritor e um dos primeiros trans homens a realizar cirurgias transsexualizadoras no Brasil. Em seu livro *Viagem Solitária* (2011), ele narra a construção de sua subjetividade e os agenciamentos com que foi inquietado. O capítulo intitulado "Reencontro de Cobaias", do mesmo livro, narra o reencontro de amigos trans homens, detalhando os

agenciamentos transpassados em suas individualidades e percebidas como um fluxo de subjetividade masculina que se opõe à masculinidade cishegemônica. Nery descreve essa oposição percebida após o encontro afirmando que:

Felizmente, a testosterona não havia me dado a agressividade exacerbada. A minha virilidade, contraditoriamente, passou a servir, também, como um instrumento, para que agora pudesse combater o mundo heterocentrado, patriarcal, no qual os poderes dominantes impedem os vários potenciais de vida. Havia descoberto que há várias masculinidades diferentes e que são constituídas também pelas tecnologias da cultura dominante. (2011, p.324)

Tendo em vista o conceito de subjetividade, convido para conversar com Guattari e Rolnik, em seu livro *Micropolítica: Cartografias do Desejo* (1999), em que argumentam que o ser sujeito é apenas a persistência ao longo do tempo de um conjunto de afirmações e crenças que vem dos hábitos que o caracterizam como indivíduo e lhe concedem não uma identidade hegemônica, mas uma identidade única, por uma definição temporária, que poderá ser alterada assim que as experiências que moldam seus hábitos forem modificadas.

Logo, quando falamos sobre subjetividade, devemos levar em consideração não uma subjetividade universal, mas sujeitos que se constituem na *somateca* social.

Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de “coisas” desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia); uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade. (Guattari; Rolnik 1999. p.34)

Deste modo, trago para esse trabalho a subjetividade sendo um fluxo contínuo de sensações e modos de existir, que constituem identidades. Atrelado a isso, recordo aspectos da minha adolescência e juventude em que procurava uma afirmação masculina, e nessa busca eu observava e concebia sensações das “coisas” externas ao movimento educativo generificado que o meu corpo recebeu. Estas, por sua vez,

impulsionaram a minha subjetivação. Refinando a definição de subjetividade, Guattari e Rolnik, no mesmo livro, discorrem:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de ideia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (Guattari; Rolnik, 1999. p.31)

Diante disso, a subjetividade transmasculina é atravessada por agenciamentos do discurso da masculinidade cishegemônica que impõe, através dos seus dispositivos, uma ficção performática de gênero.

3.3 – Processos formativos de subjetividade

Na busca de argumentar e perceber outra maneira de educação, me lanço a percorrer um caminho filosófico junto ao pensamento pós-estruturalista francês deleuziano e foucaultiano. Apropriando-me do conceito de rizoma articulado por Deleuze e Guattari (1995), em que eles apresentam uma concepção sobre um crescimento horizontal, sem direção definida se espalhando por todo território possível e em um eterno processo de multiplicidade por ele mesmo.

Utilizo novamente de João Nery, no capítulo “Reencontro de Cobaias”, em que fala sobre a amizade transmasculina. Na qual é observável o conceito rizomático enquanto narra que:

Apesar de não termos intimidade, a cumplicidade que imediatamente se estabeleceu entre nós nos fazia sentir como se tivéssemos convivido durante todo esse tempo, ou como irmãos que moram longe uns dos outros. (2011, p. 303)

Nessa cartografia, conceituo como o rizoma-transmasculino essa relação de amizade que Nery relata entre nossos corpos. Consequentemente, posiciono essa amizade rizomática como uma política de formação de subjetividades transmasculinas. Levando assim a norma discursiva da masculinidade cishegemônica no limite, onde

é isto o que torna "perturbadora" a homossexualidade: o modo de vida homossexual muito mais que o ato sexual mesmo. Imaginar um ato sexual que não seja conforme a lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar: aí está o problema. A instituição é sacudida, intensidades afetivas a atravessam; ao mesmo tempo, a dominam e perturbam. (Foucault, 1981, pág. 2)

Embora o filósofo Foucault esteja voltado para entender a homossexualidade, penso que a transmasculinidade se torna ameaçadora para o discurso da masculinidade cishegemônica por caminhos similares. Não é apenas a existência de corpos que vão de encontro a cisnormatividade que inquieta o *cistema*, mas o fato deles se amarem e constituírem uma relação de amizade. Essa amizade faz parte dos agenciamentos da transmasculinidade, consequentemente do próprio rizoma-transmasculino em si.

A conexão e heterogeneidade no rizoma-transmasculino é tangível no momento em que nos conectamos através do afeto físico, acolhimento psíquico e do amor entre os meus iguais, colocando em questionamento o discurso normativo da masculinidade cishegemônica ensinado, na qual um homem não deve ser sensível ou demonstrar afeto. A amizade como forma de agenciamento construiu a minha subjetividade, pois só com os meus amigos transmasculinos que pude entender a razão pela qual a minha masculinidade não deveria ser pautada nas regras da masculinidade cishegemônica. Essa minha concepção de transmasculinidade se identifica com as técnicas de si, conceito a partir do qual Foucault argumenta:

técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. (1988, p. 2)

A amizade transmasculina é rizomática, pois não se refere a um processo formativo hierárquico de subjetividade, mas sim a uma multiplicidade que se transmite no processo em que aumenta suas conexões e suas heterogeneidades. Entretanto, essa multiplicidade é demarcada pela estratificação do discurso da masculinidade cishegemônica que impõe um determinado corpo para ocupar a masculinidade e performances de gênero que esse corpo deve desenvolver.

Assim como Nery narra, consigo sentir o fluxo dessa cumplicidade presente no rizoma-transmasculino em que estabeleço “um tipo de relacionamento intenso e móvel que não permita que as relações de poder se transformem em estados de dominação” (Ortega, 2003, pág. 89). Dessa maneira, trago neste trabalho que a amizade extrapola o âmbito privado e constitui a existência política do sujeito, configurando um agenciamento que não é apenas identitário, mas da ordem do poder.

Em minha vivência estive transpassado por esse movimento em diversas situações, entretanto gostaria de lembrar uma em específico. Em 10 de abril de 2019, o jornal Diário de Pernambuco publicou uma matéria que retratava o acolhimento em um Ambulatório para a população LBT no Hospital da Mulher do Recife. Quem estampava a matéria era um jovem transmasculino de 25 anos. Em seu breve relato ao jornal dividiu algumas angústias e felicidades por estar tendo acesso ao acolhimento. Nesse ínterim, pesquisei nas redes sociais onde poderia encontrá-lo, em nossas conversas fui varado pelo fluxo do rizoma-transmasculino em uma completa cumplicidade de corpos dissidentes.

Esse fluxo rizomático produziu uma educação que só me foi tangível nessa amizade. Essa educação rizomática me permitiu construir uma subjetividade não mais pautada nos dispositivos da masculinidade cisheteronormativa aprendida, mas sim através de uma leitura crítica e teórica sobre o tema, e também com o encontro da realidade transmasculina, criando formas de técnicas de si dessa subjetividade.

4 – Metodologia

Este presente trabalho consiste em uma investigação sobre educação. Sendo essa educação um processo formativo de subjetividade, dessa forma me alinho ao

pensamento de Souza (2006, p. 27), na qual afirma que “a pedagogia, como campo de saber que toma como objeto esse fenômeno social de formação humana do sujeito.”

Tendo em vista os objetivos traçados para esse estudo, utilizo a arqueogenealogia foucaultiana como abordagem teórico-metodológica, que me permite compreender criticamente os enunciados acerca da transmasculinidade, subjetividade e amizade. Em seu livro *A Arqueologia do Saber*, Foucault estabelece em termos gerais “a arqueologia – como análise das regras características das diferentes práticas discursivas – encontrar-se-á o que se poderia chamar de uma teoria envolvente” (2013, p. 232).

Desse modo me lanço ao debate da formação discursiva, realizando um levantamento bibliográfico que entra em cena com a análise dos enunciados de transmasculinidade, subjetividade e amizade produzidos por sujeitos transmasculinos. Portanto, me alinho a uma abordagem qualitativa, por se tratar de um objetivo que busca compreender e investigar os discursos/enunciados. Segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (2001, p.21).

Tendo em vista o exposto, realizo uma entrevista semi-estruturada visando “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados” (Duarte, 2004, p. 215). Sendo assim, devido à problemática da abrangência do termo transmasculinidade, optei por focalizar as vivências de homens trans, que realizam terapia hormonal e estão vinculados a movimentos sociais transmasculinos. A priori foram convidados três homens trans, entretanto um deles não conseguiu comparecer no dia informado.

Os dois sujeitos da entrevista são identificados como homens trans, com uma média de idade entre 20 a 30 anos, um se encontra desempregado e outro empregado e possuem a mesma escolaridade de Ensino Médio completo. Eu contatei os dois através dos movimentos sociais e marquei uma entrevista em grupo nas dependências do Centro de Educação – UFPE.

A organização da sala para a entrevista ocorreu da seguinte forma: em uma mesa dispus alguns livros escritos por outros transmasculinos e que me ajudaram a desenvolver esta pesquisa, como: Viagem Solitária (2011); Uma Queda para o Alto (1982); Um Apartamento em Urano (2020); Para uma Política da Amizade (1967). Além dos livros, coloquei também alguns termos que trabalho teoricamente escritos em pedaços de papéis coloridos.

Essa arrumação da mesa foi pensada tomando como base a prática educativa da educação popular, trazendo a referência a essa memória como ponto de partida para construção de novos saberes. Assim como o recurso visual dos termos, buscando com que os entrevistados se concentrassem naquele momento.

A entrevista em grupo foi dividida em três momentos, sendo eles: início, desenvolvimento e encerramento (Anexo 1). Dividi as perguntas em aspectos biográficos para buscar compreender a formação da subjetividade deles, enquanto homens trans. Posteriormente, realizei perguntas sobre amizade e se essa amizade tencionava essa subjetividade.

Dessa maneira, através da análise do discurso da entrevista, tenho em vista compreender como se constituem os processos de formação de sujeitos transmasculinos, bem como o papel da amizade como processo formativo nas dinâmicas de subjetivação.

5 – Análise de Resultados

A análise do discurso por meio da entrevista em grupo, me ajudou a compreender os agenciamentos que operam na subjetividade desses sujeitos. A vista disso foi questionado sobre os agenciamentos que tensionam a subjetividade quanto homem trans.

Assim como, busquei compreender como a amizade transmasculina influência na concepção deles de masculinidade. Colocando a amizade transmasculina como um limite político-social para a masculinidade cishegemônica.

5.1 Aspectos biográficos

Utilizando a arqueologia foucaultiana busquei analisar como os sujeitos da pesquisa se constituem e se reconhecem como corpos transmasculinos habitantes de uma masculinidade dissidente. Coloco como ponto inicial da investigação os primeiros marcadores sociais tidos como pertencentes à masculinidade, e que eles incorporaram para a construção de si. Divido então em dois grandes pontos nodais desses marcadores sociais, antes do uso da testosterona e após o uso da testosterona (com a aparição das primeiras mudanças). As respostas que obtive referentes aos marcadores anteriores ao uso da testosterona foram:

Acho que isso é bem comum né. Eu também nunca tive essa feminilidade, se essa for a palavra. Porque, eu acho que isso é “tão” né? Não que um homem não pode ser feminino, sabe? Mas eu sempre fui um pouco ‘grossinho’, até que o meu Ensino Médio inteiro, eu sempre fui chamado de “menino macho”, “negro macho”... lá no interior eles falavam assim... “sapatão”... Era muito terrível. O Ensino Médio pra mim foi horrível, porque eu era sempre nesse tipo de bullying comigo. E em casa também, muitos parentes meus me maltratavam, me chamando de “homem”. (Pessoa A)

Pô veio, eu acho que esteticamente nada. Porque sempre me comportei de tal forma assim, sabe? Nunca houve essa feminilidade, então eu acho que o que me localizou mais foi tipo o nome e o pronome. (Pessoa B)

Analisando as respostas retornamos ao debate sobre gênero como discurso. Isto posto, se torna perceptível que as duas pessoas não conseguiam identificar-se os enunciados vigentes de uma feminilidade cisgênera. A pessoa A relata como o seu corpo recebia, de forma violenta, marcadores sociais generificados que lhe garantiam uma inexistência, estando em um “não-lugar” e sendo um “não-ser”. Pois o seu corpo social não habitava a norma da feminilidade cishegemônica e tão pouco conseguia adentrar na norma da masculinidade cishegemônica.

Essa condição de inexistência também aparece na fala da pessoa B, quando:

Eu pelo menos tinha a consciência de que eu era diferente. Eu era tanto diferente das meninas e era diferente dos meninos, que eu via e convivia, sabe? Nesse meio binário, tá ligado? Eu não era as duas coisas, mas sabe? Tava tentando me entender e tal. Mas eu acho que esse rolê de binder, etc. e tal, ele vem como uma tentativa social de se adequar mais a alguma coisa. A uma imagem masculina, né? (Pessoa B)

Todavia, percebo uma mudança desse status de “não-ser”, quando esse mesmo corpo começa a se apropriar de agenciamentos masculinos para se circunscrever dentro dessa norma, seja por meio de hormônios ou tecnologias de cuidados de si. Quando a pessoa A fala:

Essa parte de se introduzir, de interagir e fazer parte de um meio que você queria. Essa questão do binder, dos seios e de esteticamente da barba, né? Me influenciou muito. Até hoje, pra mim também é muito importante (...) Eu queria ter mais barba, eu acho massa, sabe? E claro, isso foi também pra mim tentar se aproximar mais dos colegas *cis*, mas que hoje eu acho isso péssimo. Não faria novamente, assim com esse intuito de tentar me aproximar. Hoje eu faria pra mim, para o meu bem-estar. (Pessoa A)

Dessa forma, questiono se o entendimento de masculinidade muda não só após a apropriação da norma masculina, mas como também o abandono do “não-lugar” e do status do “não-ser”.

Tudo né, você é visto dessa forma. Parece que socialmente as pessoas conseguem lhe validar mais. Eu senti mais essa validação. E conseqüentemente me senti muito diferente dentro da sociedade. Quando eu era uma *'sapatona'* e sendo um homem que eu sempre fui, né? Eu percebo muito isso em loja, quando eu ia nas lojas era assim: “meu amor, vai querer alguma coisa?”. Agora é assim “quer o que boy?”. Não existe mais esse cortejo, sabe? (...) Mas isso foi uma coisa que senti muito assim, depois que eu comecei o tratamento hormonal. O tratamento social de um homem negro, como a sociedade trata de fato um homem negro. Eu já sentia esses marcadores, mas ficou mais latente. (Pessoa B)

Eu compartilho desse sentimento. Eu não sabia o que era ser... lógico o preconceito e o racismo, a gente retinto é mais forte. Mas a questão, por exemplo, hoje quando entro em uma loja com uma mochila, eu dou para minha esposa. Realmente para sociedade a gente quanto homem negro pesa mais. (Pessoa A)

Rodriguez (2018) em “Masculinidades Clandestinas: a Transmasculinidade” explica que algumas masculinidades são superiores a outras. Ou seja, as masculinidades são subjugadas pela norma – branca, cisgênera, heterossexual – e, tudo aquilo que foge dessa captura é posto em uma masculinidade clandestina. Dessa maneira, apesar dos sujeitos da pesquisa performarem a masculinidade, eles não conseguem adentrar na norma, perpassando primeiro no racismo e depois em suas

transgeneridades.

Apesar desses agenciamentos, questiono como e/ou com quem eles aprenderam essa masculinidade? Quais são as referências de masculinidades? Tendo em vista que essa subjetividade é negada para eles de diferentes maneiras. Obtive as seguintes respostas:

Eu acho que isso está sendo um processo ainda, pra mim particularmente. Antes isso acontecia, esse movimento de querer parecer mais homem, mais masculino, mais... Até viril né? Eu diria assim. Só que com o passar do tempo, com o rolê de tomar testosterona e tal. A partir de algumas mudanças, do corpo mesmo assim sabe? Isso parou de acontecer. Eu precisei me forçar menos para parecer mais masculino. (Pessoa B)

Olha, antes da minha transição quando eu era um 'sapatão', eu acho que era mais preconceituoso, sabe? Eu era machista. Coisas que eu não sou hoje. E por incrível que pareça cara, as pessoas me trocam o pronome direto. Eu não sei se é por que minha fala, minha voz é fina ou eu sou muito doce. Às vezes eu tenho vontade de ser muito rude, sabe? De ser bem escroto mesmo, mas eu não consigo. Eu fico buscando explicações para as pessoas tarem trocando meu pronome. Porque eu não vejo traços femininos em mim, cara. Eu não sei se é por causa dos meus trejeitos assim sabe (*risos*). Eu fico buscando explicação, sério. Não consigo. Ai hoje ainda trocam muito meus pronomes. (Pessoa A)

Nessa última fala da pessoa A é notório perceber o poder do discurso generificado binário agindo como punição para o corpo que põe esse discurso no limite. Portanto, os demais sujeitos operantes do poder demarcam esse corpo e mais uma vez lhe causa uma privação de subjetividade, expulsando para a clandestinidade da masculinidade. Preciado (2022, p.21) afirma que “sou apenas um dos seres que teimam obstinadamente em recusar a agenda política que lhes foi imposta desde a infância.” O mesmo acontece com os sujeitos da pesquisa.

5.2 Aspectos da amizade

A amizade emerge na transmasculinidade como uma *práxis* pedagógica entre os corpos, no sentido que Souza (2006, p. 28) delimita sendo “uma ação coletiva específica, dentro do fenômeno social mais amplo que é a educação, pois é uma ação organizada com finalidade e objetivos explícitos a serem trabalhados em conjunto.” Dessa maneira, abandono a concepção da amizade como discurso de fraternidade e

sim como uma filosofia e política (Ortega, 2003).

Com essa perspectiva, questionei aos entrevistados qual era a primeira lembrança que vinha na cabeça deles, quando falado a palavra “amizade”. Recebi a seguinte resposta vindo da pessoa B: “Pra mim também, são momentos... oportunidades de estar feliz e que eu estive feliz com alguém que cuida de mim e eu cuido dessa pessoa no dia a dia.” Mas quando repeti a mesma pergunta utilizando agora do termo “amizade transmasculina”, obtive as seguintes respostas:

Empatia. Não que quem não seja trans não entenda o que a gente passa. Mas eu tenho mais facilidade de conversar com outro cara trans sobre o que eu passo. Porque eu não preciso ficar explicando. Tipo, eu tenho um amigão meu cis, mas eu falo as coisas pra ele, mas é como se ele não soubesse de nada que estou falando. Diz sempre que a ‘noia’ é minha. Eu não preciso explicar pra tu, que uma pessoa me chamou de “ela”. Tu vai entender, ele não. Como já aconteceu outras vezes. (Pessoa A)

Rede de apoio. (Pessoa B)

Então questionei quais eram as diferenças entre ter uma amizade e ter uma amizade transmasculina.

As minhas interações com caras cis são limitadas. A gente toma uma cerveja, a gente fuma junto, mas chega um ponto ou algum assunto que aquela amizade vai até ali. Não dá para extrapolar aquele assunto, sabe? E eu sinto que as minhas relações com outros caras trans são mais profundas. Tipo, a gente se conheceu agora, mas se tu me ligar e disser “bicho eu tô precisando de uma ajuda” eu vou ajudar e assim vice e versa. Eu acho que é mais sincero, rede de apoio mesmo. (Pessoa B)

Aquela zona ali de eu vou me sentir inferior ou eu vou ter medo de balançar a nossa relação se tocar naquele assunto. É como se às vezes eu quisesse que ele esquecesse que sou trans para que a gente pudesse ter essa troca. Aí volta para aquela questão das amizades trans, de que eu não preciso que tu esqueças que eu sou trans para a gente ter esse arco-íris de infinidade e conversas (Pessoa A)

Novamente, nas respostas aparece o “não-ser” e o “não-pertencimento”. Há uma suposta universalização de um discurso masculino fraternalista, em que todos são ‘irmãos’ e leva o poder da exclusão como princípio do discurso. Criando uma demarcação entre “nós” e “eles”, “cis” e “trans”, “branco” e “negro”. Conseqüentemente, fazendo com que a pessoa A deseje “que ele (*o amigo cismasculino*) esquecesse que

sou trans”, no intuito de sobreviver ao discurso masculino fraternalista.

Entretanto, a amizade transmasculina surge como uma forma de política para sobreviver a esse discurso. Trazendo sentimentos, sensações e aprendizados que só são tangíveis no seio da amizade transmasculina.

Sendo assim, perguntei o local que essa amizade transmasculina ocupa na vida dos entrevistados.

As minhas amizades mais profundas que eu fiz são pessoas trans no geral. Tanto mulheres trans quanto homens trans. Porque é muito difícil, assim como me relacionar tipo... eu sou casado, mas se eu fosse solteiro não sei se conseguiria me relacionar com uma mulher cis. Porque pra mim chega um ponto, um limite que vai... (Pessoa B)

Por ocupar esse espaço tão importante em suas vidas públicas e privadas, questionei se essa amizade possui algum grau de influência na concepção deles de masculinidade. As respostas foram:

Com certeza! Na verdade, eu percebo que meus amigos todos são diferentes. Não existe um caminho assim como os cara cis, que é igual, se veste igual, tem a bota igual. Sabe? Cada um tem sua particularidade. Então você vai observando, trocando alguma ideia e construindo aquilo que você é, como você se sente. Tipo eu tenho amigos que são machistas escrotos e tem a masculinidade que eu não quero ser. Tem caras que são tipo amorosos, atenciosos, sabe? Tem os dois lados, aí eu vou pegando a parte boa de cada um e vou fazendo ao meu modo, sabe? Entendendo aquilo que é possível agregar e aquilo que é necessário repelir. Eu vou mudando as minhas referências. Um ano antes eram masculinidades do meu pai, do meu tipo e que agora eu não queria ser igual de forma nenhuma. Eu vou deixando essas referências de lado e vou vendo outras masculinidades que acho mais interessantes, possibilidades, mais úteis na sociedade e a mim mesmo. (Pessoa B)

Sim. Eu não tive como ter referência do meu pai porque ele não me criou. Não só por isso, mas a referência que tenho dele é de abandonar um filho e eu não quero ter isso nunca. Mas hoje a minha referência mudou de quando eu era adolescente (...) depois que fiz amizade com os meninos percebi que família não é de *sangue*, família é o que a gente conhece, constrói e nos faz bem e pra mim era impossível você cortar laços com um parente seu. Hoje eu cortei laço com todos os meus parentes. Minha família é aquilo que eu construí. Além da amizade, os trans eles formam famílias com os amigos. Em que a gente encontra o carinho, o afeto e o cuidado que a gente não teve ou foi negado. (Pessoa A)

Assim sendo, compreendo a amizade transmasculina como formação de subjetividade. Uma amizade que reproduz em um nível interpessoal e afetivo estratégias políticas de existência. Um poder que carrega seus enunciados discursivos que são capazes de tensionar a norma da masculinidade cishegemônica. Efetuando, assim, um rizoma transmasculino de saber/poder.

6 – Considerações finais

Por fim, este trabalho buscou compreender a amizade como processo formativo de subjetividade masculina em corpos que habitam a transmasculinidade. Trazendo para o debate conceitos de gênero, transmasculinidade, subjetividade e amizade. Assim como entrelaçando vivências de ordem pessoal e relatos pessoais de outros homens trans com pensamentos filosóficos.

Portanto, apresento a amizade transmasculina sendo um fluxo rizomático que possui uma conexão e heterogeneidade em si. Bem como compreendo a utilização das técnicas de si nos corpos que habitam a transmasculinidade, delimitando assim uma amizade que extrapola o âmbito privado do sujeito e constitui uma existência política, ultrapassando o sentimento identitário, sendo categorizado agora pela ordem do poder-saber.

Durante a entrevista em grupo foi perceptível como a apropriação de símbolos da norma masculina, assim como o contato com a amizade transmasculina influencia a subjetividade desses sujeitos, conseqüentemente, pondo a norma cisnormativa de masculinidade em seu limite. Neste ínterim, reconheço a limitação do recorte utilizado para as entrevistas, todavia almejo dar prosseguimento ao trabalho em outro momento.

Desta forma exponho neste trabalho a importância da amizade, não como um discurso fraterno, familiar e/ou emocional. Proponho uma compreensão da amizade como *práxis* pedagógica e uma política de existência de corpos.

7 – Bibliografia

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, n. 24, p. 213-225, 2004.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. **Gai pied**, v. 25, n. 1987, p. 8-20, 1981.

_____, Michel et al. Technologies of the self. In: **Technologies of the self: A seminar with Michel Foucault**. 1988.

_____, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber, 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NERY, João Walter. **Viagem solitária – memórias de um transexual trinta anos depois**. São Paulo: Editora Leya, 2011.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**. Anagrama, 2022.

RODRIGUEZ, Shay Lenís de Los Santos. Masculinidades clandestinas: a transmasculinidade. **Seminário Corpo, gênero e Sexualidade**, n. 7.

SOUZA, J. F. **E A Filosofia da Educação Quê? - a reflexão filosófica na educação como um saber pedagógico**. 1. ed. Recife: NUPEP-UFPE e Edições Bagaço, 2006. v. 300. 224p.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.**

8 – Anexos

Anexo 1 – Roteiro da entrevista

Início
<ol style="list-style-type: none"> I. Apresentação do pesquisador e do colaborador e seus respectivos papéis; II. Apresentação dos sujeitos da pesquisa; III. Apresentação dos objetivos da investigação e da escolha dos integrantes da entrevista; IV. Divulgação das formas de registro do trabalho, bem como do anonimato dos envolvidos; V. Leitura e preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido, assinatura em duas cópias (uma para pesquisa, outra, para os sujeitos); VI. Explicar as etapas da entrevista e a duração aproximada do encontro - aprox. 1h; VII. solicitar que eles se apresentem, digam seus nomes e suas idades (já gravando);
Desenvolvimento
<ol style="list-style-type: none"> A. DINÂMICA DE ATENÇÃO E FOCO – Dinâmica do copo <ol style="list-style-type: none"> 1. Todos os participantes deverão estar com copos descartáveis; 2. Com apenas 3 movimentos os copos deverão ficar emborcados para cima; 3. Os copos devem estar dispostos da seguinte maneira: o primeiro virado para baixo, o segundo virado para cima e o terceiro virado para baixo; 4. Faço o movimento e peço para repetirem, quem for mais rápido ganha;

5. Essa dinâmica tem como objetivo aumentar o foco dos entrevistados.

B. Aspectos biográficos:

1. Antes da terapia hormonal, quais foram os primeiros marcadores sociais da masculinidade (roupas, corte de cabelo, maneira de andar, adereços transsexualizadores como packer ou binder e outros) que vocês se apoiaram?
 - Explorar um pouco os modos subjetivos dessa constituição: que emoções, comportamentos e atitudes, situações afetavam essa construção de si?
2. E nos primeiros meses da terapia hormonal (nas primeiras mudanças), esses marcadores mudaram?
3. Esses marcadores de masculinidade utilizados foram “aprendidos” com a/a partir da masculinidade cis ou vocês já tinham alguma referência transmasculina?
 - a. Se possuíam a referência transmasculina era de qual ordem?
(*digital influencer*, amizade, artista e outros)

C. SOBRE AMIZADE

4. Quando eu falo “amizade” qual lembrança que vem em sua mente?
5. E quando falo sobre “amizade transmasculina”?
6. Tem alguma diferença entre “amizade” e “amizade transmasculina”?
 - a. Que diferença seria essa?
7. Qual o lugar que a amizade transmasculina ocupa na vida de vocês?
8. A amizade transmasculina, mencionada anteriormente, possui algum grau de influência na concepção que vocês carregam hoje sobre masculinidade? (pedir para justificarem)

Considerações Finais

- I. Informar aos integrantes que a discussão está se aproximando do final;
- II. Solicitar que exponham comentários ou observações de algo particular que se

relacione com a temática da discussão, e que não estava na pauta do roteiro, mas que eles gostariam de abordar;

III. Agradecimentos pela participação.